

★ EDITORIAL

Neste segundo número, *Olhares* apresenta um panorama bastante eclético, digno de nossa realidade teatral, sempre plural e heterogênea. Nossa revista mantém-se, assim, fiel a seu princípio de agregar a diversidade de estudos acerca do trabalho teatral contemporâneo, não deixando de destacar tanto os agentes criativos que se dedicam à produção teatral da atualidade brasileira quanto estrangeira.

Abrimos este número com um texto inédito no Brasil e bastante desmistificador, de Richard Schechner, sobre o legado, de fato e de direito, acerca do trabalho teatral do diretor Jerzy Grotowski. A essa discussão sobre a herança do patrimônio e a interpretação sobre o legado do mestre polonês, seguem, na seção *Pedagogia do ator*, as vozes de Frank Totino, Roberto Moreira, Luciana Magiolo e Ednaldo Freire que discorrem, cada um à sua maneira, e desde suas experiências, sobre os mais variados procedimentos relacionados à atuação. Seja pelo viés da improvisação, do teatro popular ou pela relação do ator com a câmera cinematográfica, para eles também o ator é soberano e está no centro da cena como sujeito criativo pronto a responder às mais inusitadas solicitações de ordem social, política e, sobretudo, afetiva.

Olhares inicia neste número uma delicada e controversa discussão sobre o Trabalho da tradução no teatro. A partir de um curto texto-gatilho, uma proposta redigida por Mauricio Mendonça Cardozo, alguns de nossos tradutores mais respeitáveis – Barbara Heliadora, Angela Leite Lopes, Marcos Renaux, Fátima Saadi e José Rubens Siqueira – nos apresentam um mosaico de ideias, opiniões e percepções distintas sobre o gesto criativo da tradução para o palco.

Dando continuação à tarefa de divulgação da Dramaturgia latino-americana, *Olhares* publica o artigo de Humberto Hugo Villavicencio Garcia, um exercício de alteridade que aborda o atrito entre culturas autóctones e colonizadoras no estabelecimento de matrizes para expressão de um teatro verdadeiramente hispano-americano. Como um exemplo dessas matrizes latino-americanas, encontra-se o inquietante caso da dramaturga mexicana Sabina Berman, que é apresentada ao leitor brasileiro por meio da análise de Jacqueline Bixler. Integrante da “nova dramaturgia” mexicana, Sabina Berman é considerada por Bixler como uma autora que, ao transitar entre o “realismo dramático” e a “farsa poética”, acaba por gerar uma obra que abrange um largo espectro de experiências criativas tanto em termos de forma quanto em termos de conteúdo. Para possibilitar um

maior conhecimento e contribuir com a difusão da obra dramaturgica dessa autora, considerada esquiva por seus comentaristas e críticos, *Olhares* publica a peça *A seu bel-prazer*.

Na seção *Memória* o leitor encontrará a homenagem a Plínio Marcos, um dos nossos maiores dramaturgos, no comentário de Edelcio Mostaço sobre o livro, escrito pelo ator e jornalista Oswaldo Mendes. *Bendito maldito*: uma biografia de Plínio Marcos é o título da obra lançada em 2009, quando se completou dez anos do falecimento do autor de *Navalha na carne*. Nessa homenagem ainda, o mesmo Mendes nos oferece a sua meditação sobre “As profecias de Plínio Marcos”, tão atuais quanto contundentes. Na sequência, o artigo de Carolina Gonzales “O corpo e a carne” analisa a dramaturgia de Plínio Marcos à luz do papel que desempenham, segundo Gonzales, o corpo e as ações corporais de seus personagens em suas peças.

Ao se debruçar sobre a *Técnica*, *Olhares* realizou um encontro com o cenógrafo e diretor de arte Luís Rossi. Este diálogo abordou o trabalho criativo relacionado à concepção e à execução da cenografia, do figurino e da direção de arte.

Na seção *Interculturalismo*, apresentamos ao leitor brasileiro a professora, diretora e dramaturga marroquina Aïcha Haroun El Yacoubi. Eduardo Okamoto narra seu encontro com esta artista ao analisar seu espetáculo *Ghita*, e *Olhares* publica um texto da própria autora, que aborda, tanto do ponto de vista histórico quanto cultural, a complexa situação da mulher no teatro do Magreb.

Fechando este segundo número, publicamos, na seção *Retratos*, trabalho de Sílvia Fernandes sobre Daniela Thomas. “Dramaturgia do espaço” parece ser a expressão mais adequada, segundo a autora, para tentar explicitar o caráter sugestivo que advém das criações cenográficas, dos espaços elaborados pela artista, que transita entre teatro e cinema, sem perder de vista a comunicabilidade que emana dessas narrativas, por mais que sejam conceituais.

André Carreira e Walter Lima Torres
Editores convidados